

ALCATRAZES

Já faz alguns lustros que pela primeira vez fui à Praia de Guaecá, costa sul de São Sebastião, seguramente uma das mais lindas do país e, quiçá, de todo o mundo. Seu nome vem do tupi-guarani “guaia”, espécie de caranguejo muito comum em suas areias brancas. Extensa e bastante larga, com leve e graciosa curva, tem ao fundo a floresta atlântica, que enche os olhos do visitante com seu exuberante verde. Trata-se de praia de águas límpidas em que até mesmo se podem ver, nos remansos, alguns cardumes de pequenos peixes, que no entanto fogem à presença de banhistas. Mas também de ondas fortes, propícias ao “surf”, formando algumas vezes perigosos redemoinhos. Certa vez amigo nosso, insciente dessas armadilhas das águas, teve que contar com a ajuda de terceiro para se safar.

Foi ainda na primeira vez que brinquei em suas ondas que pude reparar, ao longe, a silhueta de uma ilha que me pareceu razoavelmente grande. Só depois vim a saber que, na verdade, trata-se de arquipélago, muito embora seja visível, da praia, somente a maior das ilhas. Seu nome – Arquipélago de Alcatrazes – deriva do fato de ser habitada por milhares de pássaros de nome atobá-pardo, também conhecido por “alcatraz”, termo árabe que significa “mergulhador”, dada sua extrema habilidade em mergulhar nas águas do oceano a fim de capturar pequenos peixes.

Há diversas espécies endêmicas em sua fauna, entre elas uma jararaca de veneno poderosíssimo, alguns pequenos batráquios pouco conhecidos e até mesmo uma variedade de cobra-coral cujos dois únicos exemplares que existiam no Instituto Butantã de São Paulo, acabaram perdidos no incêndio lá ocorrido em 2010. A ilha principal abriga também um enorme ninhal de “fragatas” de várias espécies, calculando-se que dez mil dessas aves habite o arquipélago.

Em suas águas, situadas não muito distantes do continente – cerca de 35 quilômetros – e na zona de transição de águas tropicais mais quentes e subtropicais mais frias, convivem, em meio aos corais, centenas de invertebrados e aproximadamente 200 a 250 espécies diferentes de peixes. Quantidade bem maior do que em Fernando de Noronha, que tem somente cerca de 150 espécies.

O que me deixou abismado, porém, foi a conclusão dos cientistas de que, entre 85 mil e 15 mil anos, o Atlântico estava de tal forma recuado que todo o arquipélago encontrava-se ligado por terra ao continente. Será mesmo?

Foi nos anos oitenta que a Marinha do Brasil passou a realizar exercícios de tiro na maior de suas ilhas, provocando protestos veementes de muitos ambientalistas em razão dos danos provocados. A questão chegou até mesmo aos tribunais, ainda que também se reconhecesse o lado positivo desses exercícios militares, que afastavam pescadores e curiosos do local. Faz apenas pouco mais de quatro anos que a Marinha cessou com tal prática naquela ilha, sendo então implementada a criação do Parque Nacional Marinho dos Alcatrazes. E agora, recente portaria federal passou a permitir visitas turísticas aos costões e praias de Alcatrazes, vedadas contudo a pesca e principalmente o desembarque na ilha.

Narrei isso tudo, dias atrás, a caixara amigo meu, pessoa correta porém falastrona que, depois de me ouvir com atenção, retorquiu sorrindo maliciosamente que a Marinha deveria, isto sim, fazer exercícios de tiro em Brasília, em alguns alvos bem conhecidos. Foi-me difícil convencê-lo do contrário. Não adiantou apelar para o patriotismo e exaltar o valor das instituições republicanas. Somente consegui dissuadi-lo ao lembrar que Brasília não é banhada por mar. “Como é, então, que os navios poderiam fazer exercícios de tiro na capital federal?”

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com